

AS HUMANIDADES DIGITAIS COMO UMA COMUNIDADE DE PRÁTICAS DENTRO DO FORMALISMO ACADÉMICO: DOS EXEMPLOS INTERNACIONAIS AO CASO PORTUGUÊS

Daniel Alves

| *Instituto de História Contemporânea (IHC-FCSH-UNL)*

Introdução: o que são as Humanidades Digitais?

Representando uma forte ligação entre a investigação em Humanidades e a incorporação de métodos e ferramentas das Tecnologias Digitais, o termo «Humanidades Digitais» foi cunhado internacionalmente há pouco mais de uma década. Aparentemente, terá sido usado pela primeira vez por John Unsworth, um professor universitário americano, em 2002, mas foi a publicação do livro *Companion to Digital Humanities*, em 2004, que marcou o início da sua utilização em larga escala¹. Em parte, o sucesso desta designação assentou no facto de ela facilmente abarcar um conjunto de outras designações anteriores, como Computação para as Humanidades, Informática Aplicada à História, Linguística Computacional, Património e Computação, Arte Digital, entre outras².

As definições de Humanidades Digitais, como as de qualquer outra área, campo ou conceito que esteja a afirmar-se, são muitas, nem sempre consensuais, estando disponíveis para todos os gostos. Susan Hockey, professora da área das Ciências da Informação na University College London, no referido livro de 2004, refere que as Humanidades Digitais são uma área académica interdisciplinar que fornece metodologias específicas da área das tecnologias digitais para serem incorporadas na investigação nas Humanidades como um todo³. A tónica aqui assenta na sua função de agregação ou ligação, juntando várias disciplinas das Humanidades e estas com as áreas da Computação e Informática. Dan Cohen, historiador e atual diretor da Digital Public Library of America, por seu turno, sugere uma definição mais ampla, embora também mais difusa, pensando as Humanidades Digitais como um estímulo para o desenvolvimento de todo o potencial de investigação, ensino, publicação

1 Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004; Melissa Terras, «Inaugural Lecture: A Decade in Digital Humanities». Melissa Terras' Blog, 2014.

2 Melissa Terras, «Inaugural Lecture: A Decade in Digital Humanities». Melissa Terras' Blog, 2014.

3 Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, pp. 3-19.

e divulgação das humanidades, através da incorporação de ferramentas, fontes e métodos digitais⁴.

As definições são muitas e podem ser uma surpresa⁵! Tudo isto só pode significar que esta é ainda uma área em desenvolvimento e a procurar afirmar-se, quer no meio académico, quer no público em geral. O que não deixa de ser estranho, tendo em conta que a expressão já circula em termos internacionais, pelo menos desde 2004, e que já nessa altura se afirmava que era uma «disciplina de direito próprio»⁶. Mas serão mesmo uma disciplina ou uma área científica? Ou haverá vantagem em pensar as Humanidades Digitais «apenas» como uma comunidade?

Algumas notas sobre o conceito de «comunidade» e a forma como tem sido incorporado no discurso do que se publica sobre Humanidades Digitais, bem como um necessariamente curto e provisório balanço do impacto desse mesmo discurso no meio académico português, poderão contribuir para um debate que este texto não pretende encerrar, mas sim estimular. Não se defende que o «apenas» usado atrás seja visto como negativo. Se calhar, assumir as Humanidades Digitais simplesmente como uma comunidade, sem preconceitos ou sentimentos de inferioridade, em vez de perseguir o sonho da institucionalização, pode ser um caminho para consolidar os contributos positivos que têm resultado da incorporação e da reflexão sobre o digital nas Humanidades e na sociedade em geral.

Mais do que encontrar uma resposta definitiva, um breve olhar pela história pode contribuir para uma discussão mais alargada sobre estas questões. A «Computação nas Humanidades» começou praticamente quando começaram os próprios computadores e, nesse sentido, a prática do que hoje teorizamos como sendo «Humanidades Digitais» precedeu a designação da moda em quase 50 anos. É hoje consensual atribuir esse começo aos trabalhos do padre jesuíta Roberto Busa, de análise à obra de São Tomás de Aquino e de elaboração do seu *Index Thomisticus*, iniciados em 1949 e aproveitando as grandes máquinas de processamento informático desenvolvidas no rescaldo da Segunda Guerra Mundial. Era ainda o tempo dos cartões perfurados e dos computadores que ocupavam salas inteiras.

Entre as décadas de 1960 e 1990, a aplicação da computação expandiu-se muito para além da análise de *corpora*, com a História Quantitativa a ter aqui um papel significativo, através da criação de grandes bases de dados com informação sobre longas séries de preços, salários ou impostos a apro-

4 Dan Cohen, «Defining Digital Humanities, Briefly», 2011.

5 Jason Hepler, «What Is Digital Humanities?», 2015.

6 Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, xxiii. Todas as citações foram traduzidas para Português pelo autor.

veitarem as cada vez maiores capacidades de armazenamento e processamento dos computadores. A década de 1980 assistiu ao aparecimento e divulgação dos computadores pessoais, máquinas que finalmente puderam começar a ser adquiridas individualmente e usadas fora do ambiente universitário ou empresarial onde tinham estado quase exclusivamente até então. Nesta altura, contudo, a maioria dos projetos, fossem da área dos Estudos Literários, da Arqueologia ou da Demografia, entre outras, só eram desenvolvidos com a ajuda dos departamentos de Informática, afastando os investigadores das Humanidades do processo de planificação, desenvolvimento e, em alguns casos, mesmo da utilização prática das ferramentas digitais criadas para dar resposta aos seus projetos⁷.

O advento da Internet em 1991 veio mudar um pouco este panorama e permitiu uma cada vez maior interação entre os investigadores em Humanidades e os meios digitais. Começaram então os grandes projectos de digitalização e disponibilização *online* de fontes, ao mesmo tempo que nasciam ou eram introduzidas no meio académico novas ferramentas que viriam mudar de forma substancial a relação dos investigadores com o mundo digital. O processador de texto, o *email*, as bases de dados, os sistemas de informação geográfica tiveram um crescimento de utilizadores muito significativo ao longo de toda a década⁸.

Contudo, esta ligação entre Humanidades e Computação nunca foi simples e gerou sempre resistências. Quer fosse no início da década de 1990, no final da mesma ou até muito recentemente, são vários os casos em que a uma visão revolucionária, a um diagnóstico extremamente otimista sobre o impacto do digital nas Humanidades, se sobrepõe uma recusa, uma profecia de destruição das diferenças «entre o verdadeiro e o falso», da credibilidade académica ou mesmo de todo o «sistema de educação superior»⁹.

O grande momento de viragem talvez se possa afirmar que tenha acontecido em 2005, com a explosão da *Web* 2.0, das redes sociais, com os seus conceitos, linguagens e ferramentas próprias, sejam o *Twitter*, o *Youtube*, o *Facebook* ou o *Academia.edu*. Nesse sentido, é significativo que este momento de viragem tenha sido contemporâneo da divulgação da expressão «Humanidades Digitais». As ferramentas da *Web* social, bem como outras, podem ajudar a transformar as nossas disciplinas e a nossa forma de trabalhar, sendo a facilidade em criar redes, em partilhar resultados, em

7 Joaquim Carvalho, «Informática e Ciências Humanas», *Revista Vértice*, XLV, n.º 467, 1985, pp. 25-36.

8 Dan Cohen e Roy Rosenzweig, *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2005.

9 Edward L. Ayers, «The Pasts and Futures of Digital History», 1999; Dan Cohen e Roy Rosenzweig, *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Introduction. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2005.

encetar trabalhos colaborativos e interdisciplinares perspectivas a valorizar. Essa viragem e o impacto que terá nas Humanidades é tão mais importante quanto maior for o impacto das tecnologias digitais no quotidiano dos indivíduos e na moldagem do seu modo de aceder e participar na cultura e na circulação da informação em geral. Isto quer dizer também que as mudanças poderão ser mais evidentes para uma geração de futuros investigadores que já nasceram na era do digital e da Internet, do que para aquela geração que cresceu profissionalmente à sombra de outros paradigmas¹⁰. Para estes será sempre mais difícil abraçar o sentimento de «comunidade» que, como se verá de seguida, dá corpo a muito do discurso de afirmação das Humanidades Digitais.

O conceito de comunidade como definidor das Humanidades Digitais

Em 2004, Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth falavam na «comunidade de Humanidades Digitais»¹¹ para referir o conjunto de investigadores que faziam da ligação entre computação e Humanidades o centro da sua atividade científica e académica. Por sua vez, Susan Hockey, ao fazer a história da relação entre Humanidades e Computação, referia que no final da década de 1980 os recursos de partilha e discussão disponíveis antes do nascimento da Internet tinham sido fundamentais para «a manutenção e desenvolvimento de uma comunidade»¹² entre aqueles que recorriam quotidianamente aos métodos digitais de investigação. Inclusive, para designar os vários grupos de investigadores das áreas disciplinares das Humanidades, era frequente o recurso ao conceito de «comunidade»¹³.

Nesta altura falava-se tanto de «comunidades de utilizadores»¹⁴, criadas pelo desenvolvimento da Internet, como de «comunidades de praticantes»

10 Daniel Alves, «Introduction: Digital Methods and Tools for Historical Research», *International Journal of Humanities and Arts Computing*, n.º 8 (1), 2014, pp. 1-12.

11 Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, xxv.

12 Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 6.

13 Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, pp. 13, 16 e 17; Harrison Eiteljorg, «Computing for Archaeologists», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 22; Andrew Mactavish e Geoffrey Rockwell, «Multimedia», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, pp. 114-115; Jerome McGann, «Marking Texts of Many Dimensions», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 199; Nancy Ide, «Preparation and Analysis of Linguistic Corpora», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 289 e 299.

14 Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 13; Carole L. Palmer, «Thematic Research Collections», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 356.

ou «comunidades de prática»¹⁵, geradas pelo uso comum de uma mesma ferramenta ou metodologia digital. Um referencial que se mantinha em 2016, em vários dos capítulos de uma nova versão do volume publicado em 2004, e onde se afirmava, por exemplo, que «muitos investigadores das Humanidades Digitais começaram a ver-se a si próprios, e a actuar como, uma comunidade de práticas abertas»¹⁶. Talvez uma das comunidades de práticas mais dinâmicas seja a do TEI (Text Encoding Initiative), dedicada à edição eletrónica de textos e fontes, considerada em 2004 «em si mesma como uma comunidade de investigação»¹⁷ e que em 2016 congregava, entre instituições e investigadores individuais, cerca de 175 membros¹⁸. É também frequente o uso do termo para designar a «comunidade de bibliotecários» ou genericamente a «comunidade académica»¹⁹. A ideia de comunidade ou de «alargamento da comunidade»²⁰ de investigadores envolvidos no uso dos métodos digitais era muito frequente, formatou claramente o discurso sobre o «nascimento» das Humanidades Digitais e continua a ser utilizada com regularidade.

O recurso ao conceito de «comunidade» funcionou e funciona ainda como uma forma de dar coerência ou consistência, de criar uma identidade entre investigadores que vêm de áreas disciplinares muito díspares ou de disciplinas que, aparentemente, pouco comunicam entre si. Representando os humanistas «uma ampla variedade de disciplinas e interesses»²¹, o uso das metodologias digitais acabou por funcionar como um ponto de contacto, elemento agregador ou definidor.

Aliás, o mesmo conceito é usado no caso de colaborações entre investigadores de línguas ou países diferentes. Um recente estudo que procurou mapear as atividades e os investigadores das Humanidades Digitais no mundo Ibero-Americano, chamou a atenção para a importância da «consolidação e da visibilidade de uma comunidade internacional de humanistas digitais que fala espanhol e português» e para o

15 Martha Nell Smith, «Electronic Scholarly Editing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 320.

16 William G. Thomas III, «The Promise of the Digital Humanities and the Contested Nature of Digital Scholarship», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *A New Companion to Digital Humanities*. Londres, John Wiley & Sons, 2016, p. 526.

17 Allen H. Renear, «Text Encoding», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 235.

18 TEI, 2016. «Directory». *Text Encoding Initiative Consortium*.

19 Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, pp. 15-16.

20 Susan Hockey, «The History of Humanities Computing», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 16.

21 Daniel V. Pitti, «Designing Sustainable Projects and Publications», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 478.

facto de as Humanidades Digitais serem a chave para «um sentimento de trabalho partilhado e formação de uma comunidade que se espelha em redes de colaboração mais estreitas e num maior conhecimento do trabalho realizado em todo o mundo»²². Numa perspetiva quantitativa, pode-se chamar a atenção para o facto de o termo «comunidade HD» ser especificamente usado 12 vezes neste estudo, também isto mostrando o relevo do conceito.

A «comunidade» é importante não só no aspeto de autoidentificação entre o grupo de investigadores das Humanidades Digitais, mas no próprio funcionamento de projetos, como método de investigação ou de aferição da qualidade da investigação levada a cabo. Ainda em 2004 destacava-se o «acordo da comunidade sobre as melhores práticas», uma espécie de visão mais democrática sobre a forma de validar o trabalho académico dos humanistas digitais, como um «ingrediente importante» para tornar esse mesmo trabalho mais «interoperável e sustentável»²³.

Em 2012, um dos vários manuais, diagnósticos, compêndios e reflexões publicados nesse ano e nos seguintes²⁴, considerava logo no prefácio a existência de «comunidades fluidas de prática» nas Humanidades Digitais como fundamentais para «colocar questões e responder a problemas de investigação que não podem ser reduzidos a um único género, forma, disciplina, ou

-
- 22 Erika Ortega e Silvia Eunice Gutiérrez, «MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués», em Esteban Romero Frias e Maria Sánchez González, eds., *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*. La Laguna, Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014, pp. 103-104.
- 23 Howard Besser, «The Past, Present, and Future of Digital Libraries», em Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, *Companion to Digital Humanities*. Oxford, Blackwell, 2004, p. 570.
- 24 Pelo menos 16 livros entre 2012 e 2016 procuraram definir, escrever, ensinar, praticar, avançar, debater, compreender ou «interdisciplinar» as Humanidades Digitais (Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., *A New Companion to Digital Humanities*. Londres, John Wiley & Sons, 2016; Matthew K. Gold e Lauren F. Klein, eds., *Debates in the Digital Humanities 2016*. Mineápolis, University of Minnesota Press, 2016; Constance Crompton, Richard J. Lane e Ray Siemens, eds., *Doing Digital Humanities: Practice, Training, Research*. Londres, Routledge, 2016; Julie Thompson Klein, *Interdisciplining Digital Humanities: Boundary Work in an Emerging Field. Digital Humanities*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 2015; Dale Hudson e Patricia R. Zimmermann, *Thinking Through Digital Media*. Nova Iorque, Palgrave MacMillan, 2015; Eileen Gardiner e Ronald G. Musto, *The Digital Humanities: A Primer for Students and Scholars*. Nova Iorque, Cambridge University Press, 2015; Steven E. Jones, *The Emergence of the Digital Humanities*. Nova Iorque, Routledge, 2014; Katherine Bode e Paul Longley Arthur, eds., *Advancing Digital Humanities: Research, Methods, Theories*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2014; Melissa M. Terras, Julianne Nyhan e Edward Vanhoutte, eds., *Defining Digital Humanities: A Reader*. Londres, Ashgate, 2013; Daniel J. Cohen e Tom Scheinfeldt, eds., *Hacking the Academy: New Approaches to Scholarship and Teaching from Digital Humanities*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2013; Claire Warwick, Melissa M. Terras e Julianne Nyhan, eds., *Digital Humanities in Practice*. Londres, Facet Publishing / UCL Centre for Digital Humanities, 2012; Brett D. Hirsch, ed., *Digital Humanities Pedagogy: Practices, Principles and Politics*. Open Book Publishers, 2012; Matthew K. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Mineápolis, University of Minnesota Press, 2012; Marilyn Deegan e Willard McCarty, eds., *Collaborative Research in the Digital Humanities*. Londres, Ashgate, 2012; Anne Burdick, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner e Jeffrey Schnapp, *Digital Humanities*. Cambridge, MIT Press, 2012; David M. Berry, ed., *Understanding Digital Humanities*. Nova Iorque, Palgrave Macmillan, 2012).

instituição»²⁵. Podemos mesmo dizer que a noção de «comunidades de práticas» é central na definição do que são e do que fazem as Humanidades Digitais, sendo essa expressão usada muitas vezes no seu discurso de afirmação, em conjunto com a tendência de designar os investigadores como «praticantes»²⁶. No fundo, as «comunidades de práticas» das Humanidades Digitais seriam uma outra forma de interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade centrada agora na efetiva aplicação ou uso de ideias, conhecimentos ou métodos, de cada uma das disciplinas das Humanidades, de forma transversal, por oposição à mera formulação teórica sobre essa aplicação ou uso. Nesse sentido, as Humanidades Digitais não teriam por objetivo substituir-se às tradicionais Humanidades, mas sim complementá-las e facilitar as colaborações entre elas.

Mas até o papel social atribuído às Humanidades Digitais é analisado tendo por base o conceito de comunidade, na medida em que há quem defenda que aquilo que as Humanidades Digitais produzem e divulgam deve ser avaliado de acordo com o «envolvimento comunitário» que geram²⁷. Desta forma, o uso do conceito não está apenas associado à ideia de dar consistência ou de facilitar a colaboração entre os praticantes/profissionais/investigadores das várias disciplinas das Humanidades. É igualmente usado como forma de demonstrar a maior abertura da academia ao público em geral, que as Humanidades Digitais podem potenciar. Estas introduzem, na perspetiva dos seus defensores, uma maior facilidade em «levar o conhecimento para as comunidades e em trazer as comunidades para a academia»²⁸. A disponibilização de informação em formato digital é entendida como essencial para gerar «proximidade e [prestar] serviço à comunidade», algo defendido, precisamente, numa recente publicação portuguesa sobre Humanidades Digitais²⁹. A capacidade do digital, através da interatividade, criatividade e dinamismo dos seus métodos e ferramentas, de levar o conhecimento a uma comunidade

25 Anne Burdick, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner e Jeffrey Schnapp, *Digital Humanities*. Cambridge, MIT Press, 2012, vii.

26 Veja-se, por exemplo Anne Burdick, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner e Jeffrey Schnapp, *Digital Humanities*. Cambridge, MIT Press, 2012, pp. 8, 16, 60, 83, 127, 128 e 132; Erika Ortega e Silvia Eunice Gutiérrez, «MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués», em Esteban Romero Frías e María Sánchez González, eds., *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*. La Laguna, Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014, pp. 104, 110, 112, 122 e 123.

27 Anne Burdick, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner e Jeffrey Schnapp, *Digital Humanities*. Cambridge, MIT Press, 2012, p. viii.

28 Anne Burdick, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner e Jeffrey Schnapp, *Digital Humanities*. Cambridge, MIT Press, 2012, p. 45.

29 Maria Filomena Gonçalves e Ana Paula Banza, eds., *Património Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora, CIDEHUS, 2013, pp. 74-75.

mais ampla do que aquela com a qual a academia está habituada a pensar e a trabalhar é mesmo destacada como uma das vertentes centrais das Humanidades Digitais³⁰.

Esta ideia pode, obviamente, ser apresentada mais como uma rutura em relação às tradicionais Humanidades e não como um complemento, como foi atrás destacado. Provavelmente, é essa mesma imagem de rutura com uma academia incrustada em paradigmas velhos de séculos que tem levado a uma tão lenta afirmação das Humanidades Digitais, pelo menos em Portugal³¹. Mas mesmo ao nível da produção académica, a ideia de participação da comunidade está já a ser levada a patamares dificilmente imagináveis há apenas uma década atrás, subvertendo alguns dos tradicionais cânones.

Um exemplo, entre outros possíveis, é o do livro, se é que lhe podemos chamar isso, *Debates in the Digital Humanities*. Efetivamente, mais do que um livro, que também foi publicado como tal em 2012 e numa nova edição em 2016³², este foi um projecto de publicação *online* que reuniu e continua a reunir contributos de vários autores ligados ao meio académico, mas também à comunidade de blogues das Humanidades Digitais. Não sendo a primeira vez que tal acontece³³, a originalidade consiste no facto de inicialmente ter sido avaliado, e continuar a ser, não por um sistema de *peer review* clássico, mas de uma forma dinâmica, através dos comentários, marcas e indexações que os próprios leitores vão acrescentando ao texto à medida que o leem³⁴. Não é por acaso que a nova versão do *Companion to Digital Humanities* conta com um capítulo exclusivamente dedicado ao *peer review*, onde o conceito de «comunidades de prática» é central³⁵. Um outro exemplo, na área específica da História, é a edição em 2013 de um volume sobre a escrita da História na era digital que foi elaborado e publicado como um objeto digital, com um processo de revisão

30 Anne Burdick, Johanna Drucker, Peter Lunenfeld, Todd Presner e Jeffrey Schnapp, *Digital Humanities*. Cambridge, MIT Press, 2012, pp. 75 e segs.

31 Daniel Alves, «Introduction: Digital Methods and Tools for Historical Research», *International Journal of Humanities and Arts Computing*, n.º 8 (1), 2014, pp. 6-7; Daniel Alves, «From “Humanities and Computing” to “Digital Humanities”»: Digital Humanities in Portugal with a Focus on Historical Research», *H-Soz-Kult.*, 2014.

32 Matthew K. Gold, *Debates in the Digital Humanities*. Mineápolis, University of Minnesota Press, 2012; Matthew K. Gold e Lauren F. Klein, eds., *Debates in the Digital Humanities 2016*. Mineápolis, University of Minnesota Press, 2016.

33 Ver, por exemplo, Dan Cohen e Roy Rosenzweig, *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2005, que foi também publicado integralmente online; Dan Cohen e Roy Rosenzweig, «Introduction», em *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press, 2005.

34 Matthew K. Gold e Lauren F. Klein, eds., «Debates in the Digital Humanities», 2015.

35 Kathleen Fitzpatrick, «Peer Review», Susan Schreibman, Ray Siemens e John Unsworth, eds., em *A New Companion to Digital Humanities*. Londres, John Wiley & Sons, 2016, pp. 444-445.

por pares aberto e cujo resultado final foi igualmente disponibilizado de forma aberta e gratuita³⁶.

Evidentemente que nem tudo são aspetos positivos nestes apelos à participação da comunidade. Se há projetos que têm sucesso e acabam por ter um impacto duradouro, como os livros/sites *Digital History e Debates in the Digital Humanities*, outros têm uma vida quase tão curta como a da maioria dos endereços da Internet, perdendo-se no gigante mundo da *Web* ou morrendo aos poucos por falta de empenho da dita comunidade que queriam envolver. Um exemplo disso é o projeto *Digital Historians*, lançado em 2013, pensado como uma comunidade de partilha de projetos, ideias, bibliografias e debates entre historiadores que usam métodos digitais na investigação, e que em 2015 já não funcionava, estando agora apenas disponível a sua estrutura³⁷.

Existe uma comunidade de Humanidades Digitais em Portugal?

Por vezes, a falta de uma afirmação institucional ou a falta de reconhecimento pelos pares das valências de uma nova área de conhecimento tende a estimular o uso do conceito de comunidade, como vimos, como fator de agregação, coerência interna e de impacto externo. Nestes diversos aspetos, o papel das associações, quer internacionais, quer de âmbito nacional, tem sido, aparentemente, determinante para garantir a «solidez das DH (...) como comunidade»³⁸. Em parte, como veremos, é o que está no presente a ocorrer em Portugal.

Se durante muitos anos, estas associações profissionais foram relativamente poucas e pouco influentes, para além do campo disciplinar específico que lhes tinha dado origem, o certo é que hoje em dia representam uma muito maior variedade disciplinar, geográfica e até linguística e movimentam já alguns milhares de «praticantes». Para além da *Association for Literary and Linguistic Computing*, fundada em 1973 e hoje designada *European Association for Digital Humanities*, e da *Association for Computers and the Humanities*, criada em 1978, atualmente existe uma *Alliance of Digital Humanities Organizations*, que incorpora estas duas e mais quatro grandes associações, da Austrália, do Japão, do Canadá e do mundo francófono³⁹.

36 Kristen Nawrotzki e Jack Dougherty, *Writing History in the Digital Age*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 2013.

37 Sharon Leon, «Digital Historians | for People Who Do More than Use The Google». Digital Historians, 2013.

38 Erika Ortega e Silvia Eunice Gutiérrez, «MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués», em Esteban Romero Frías e María Sánchez González, eds., *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*. La Laguna, Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014, p. 107.

39 ADHO, «About | ADHO», Alliance of Digital Humanities Organizations, 2016.

Mais recentemente foram ainda formadas a *Red de Humanidades Digitales de México*⁴⁰, a associação espanhola *Humanidades Digitales Hispánicas*, a *AHDig, Associação de Humanidades Digitais*, que reúne investigadores brasileiros e portugueses, e a *Asociación Argentina de Humanidades Digitales*, que usa precisamente o termo «Comunidad» para listar os seus membros⁴¹. Podemos ainda juntar a estas associações a rede *centerNet* que agrega informação sobre cerca de 190 centros de investigação de algum modo ligados às Humanidades Digitais, em todo o mundo⁴².

No caso específico dos meios académicos de língua não inglesa, o recurso ao termo «comunidade» tem sido feito para reforçar uma necessidade de «maior representação linguística e geográfica» no conjunto das Humanidades Digitais. O objetivo seria ultrapassar o que a autora de uma comunicação recente à conferência anual da ADHO, *Digital Humanities Conference*, apresenta como um enviesamento de género, geográfico e linguístico no seio das Humanidades Digitais, defendendo que só uma maior abertura à participação das mulheres, ao recurso a outras línguas, como o espanhol ou o português, e uma maior diversidade geográfica permitiriam que se falasse de uma verdadeira «comunidade internacional de Humanidades Digitais»⁴³.

Em parte, foi também esse o objetivo que norteou a fundação em 2013 da *AHDig*, num seminário internacional realizado na Universidade de São Paulo. Na altura, os membros da comissão fundadora afirmaram que um dos seus objectivos era desenvolver «uma divulgação mais articulada da investigação e da prática em HD na comunidade académica de língua portuguesa como forma de afirmar e desenvolver esta área disciplinar emergente»⁴⁴. Mesmo neste pequeno texto, percebe-se a ligação ou incorporação dos termos e conceitos atrás destacados como recorrentes no discurso anglo-saxónico sobre as Humanidades Digitais, nomeadamente a noção de comunidade de prática.

Como se percebe por esta frase e pelo que ficou dito na secção anterior, a força da língua e da linguagem podem ser poderosos aglutinadores na afirmação de um campo disciplinar, uma área de conhecimento ou de uma comunidade de práticas, como parecem ser as Humanidades Digitais. Para mais quando existem dificuldades em percorrer um caminho mais formal e institucional de afirmação, com a criação de centros e institutos especificamente dedicados ao desenvolvimento das novas temáticas ou

40 Rede-HD, «Humanidades Digitales – ACERCA DE», Red de Humanidades Digitales de México, 2016.

41 Asociación Argentina de Humanidades Digitales, «2016 | Asociación Argentina de Humanidades Digitales», 2016.

42 centerNet, «centerNet | An International Network of Digital Humanities Centers», 2016.

43 Isabel Galina, «¿Hay alguien allá afuera? Construyendo una comunidad mundial de Humanidades Digitales | Humanidades Digitales», 2013.

44 AHDig, «Declaração sobre a fundação da Associação das Humanidades Digitais», 2016.

metodologias. Assim, a elaboração de um discurso próprio, que adapta e reconfigura tendências vindas do passado ou que importa expressões, conceitos, métodos e problemas de outras disciplinas ou de outros meios académicos, em especial do estrangeiro, pode ser uma forma de contornar essas dificuldades. Deste modo, o recurso à ideia ou ao conceito de comunidade pode ser um bom catalisador.

No caso português, a tendência atual parece ser a segunda hipótese, em parte fazendo um caminho que já foi percorrido desde pelo menos a viragem do século no mundo anglo-saxónico. Não se quer com isto afirmar que não existam centros de investigação focados na vertente informática/digital que possam ser integrados no que agora chamamos de Humanidades Digitais. Em grande medida, é precisamente de alguns desses centros, ainda com designações mais clássicas dentro das Humanidades, que tem surgido muito do discurso e da prática que procura afirmar o novo campo em Portugal⁴⁵. Contudo, o processo tem sido menos sistemático, mais informal, sendo possível detetá-lo através de outros sinais que não o formalismo das instituições de investigação ou da criação de cursos de ensino superior.

É difícil precisar sobre os primeiros usos da expressão «Humanidades Digitais» em português pela primeira vez, o que talvez não seja muito relevante. Contudo, é possível afirmar que esse uso representou já um primeiro sinal do início do processo de transformação do que era antes a «computação para as Humanidades» ou a «Informática aplicada às Humanidades», para as «Humanidades Digitais» e, nesse sentido, terá sido o início do processo de criação de uma comunidade de Humanidades Digitais em Portugal ou que fala português. Um estudo recente aponta como provável o ano de 2010 como o ponto de viragem. Os sinais nesse sentido são vários e visíveis quer através do ensino, quer da investigação, em alguns blogs e nas redes sociais, mas também através da realização de *workshops*, conferências e congressos, para além da já referida fundação da AHDig⁴⁶.

Em conclusão

É possível afirmar que o momento vivido pelas Humanidades Digitais e a sua incorporação na investigação em Portugal é de transição. Se se tiver

45 Daniel Alves, «Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspetiva e discurso (1979-2015)», *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 1 (2), 2016, pp. 89-116; Maria Cristina Guardado e Maria Manuel Borges, «Digital History in Portugal: A Survey», em Alexander Tokar, Michael Beurskens, Cornelius Puschmann, Susanne Keuneke, Merja Mahrt, Isabella Peters, Timo van Treeck e Katrin Weller, eds., *Science and the Internet*. Düsseldorf, Dup, 2012, pp. 43-58.

46 Daniel Alves, «Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspetiva e discurso (1979-2015)», *Práticas da História. Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, n.º 1 (2), 2016, pp. 107-110.

em conta a característica genérica que normalmente se associa a este campo, uma forte ligação entre a investigação em Humanidades e a incorporação de métodos e ferramentas das Tecnologias Digitais, então a prática e os praticantes em Portugal, como aliás aconteceu no estrangeiro, são muito anteriores a 2004. Se por um lado é certo que este campo nunca foi encarado com benevolência pelo *mainstream* académico, ele não deixou de fazer o seu caminho, por vezes de forma individualizada, sem grandes contactos ou colaborações entre os vários investigadores ou os pequenos grupos de investigação que se foram formando. Por outro lado, a apropriação/importação de um novo discurso para uma prática já vetusta, se é permitida a expressão, não assumindo o carácter de uma «onda avassaladora», mostra alguma necessidade de renovar a afirmação de uma perspetiva de investigação, prática, ensino e divulgação que cada vez mais se quer interdisciplinar, colaborativa e internacionalizada.

A esta tendência não é alheio um conjunto de eventos e iniciativas que têm colocado as Humanidades Digitais em Portugal no quadro mais amplo dos meios académicos que falam e trabalham em português e também em espanhol. É o caso, por exemplo, das edições do «Day of DH» dedicadas aos investigadores daquelas áreas linguísticas: «Dia das Humanidades Digitais 2013», de junho de 2013, e «Dia das Humanidades Digitais 2014», de outubro de 2014⁴⁷. Também é de destacar a organização de um primeiro Congresso de Humanidades Digitais em Portugal, em 2015, que contou com cerca de 160 participantes, 85% dos quais portugueses ou ligados a universidades portuguesas⁴⁸ ou o crescimento do número de participantes na AHDig que, em dezembro de 2016, contava com 135 inscritos, sendo cerca de 1/3 portugueses⁴⁹.

Sobre estas tendências e iniciativas, bem como a forma como as mesmas podem representar a afirmação desse novo discurso no campo da língua portuguesa (e espanhola), foi apresentado um estudo na *Digital Humanities Conference* de 2014 em Lausanne, entretanto publicado⁵⁰. Sintomático ainda desse caminho que agora se começa a trilhar é o facto de outro estudo recente que procurou fazer o mapa das Humanidades Digitais em espanhol e português colocar Portugal em terceiro lugar, logo a seguir à Espanha e

47 centerNet, «Dia de las Humanidades Digitales 2013», 2013; e centerNet, «Dia de las Humanidades Digitales 2014», 2014.

48 Daniel Alves, Rita Marquilhas, Manuel Portela e Dália Guerreiro, «Congresso de Humanidades Digitais em Portugal». Congresso de Humanidades Digitais em Portugal, 2015.

49 AHDig, «Declaração sobre a fundação da Associação das Humanidades Digitais», «Participantes», 2016.

50 Ernesto Priani Saisó, Paul Spence, Isabel Galina Russell, Elena González-Blanco García, Daniel Alves, José Francisco Barrón Tovar, Marco Antonio Godínez Bustos e María Clara Paixão de Sousa «Las humanidades digitales en español y portugués. Un estudio de caso: DíaHD/DiaHD», *Anuario Americanista Europeo*, n.º 12, 2014, pp. 5-18.

ao México, no número de investigadores que se identificam atualmente como sendo «humanistas digitais», apesar dos números da amostra serem relativamente baixos⁵¹.

Tendo em conta o que se afirmou ao longo do texto, talvez uma definitiva assunção de que as Humanidades Digitais não necessitam de se institucionalizar, de entrar formalmente na academia, de aparecer explicitamente nos currículos universitários possa contribuir de forma mais consistente e coerente para a difusão do seu papel e importância num mundo cada vez mais dependente do digital. Talvez o conceito de comunidade e o desenvolvimento das suas múltiplas formas de afirmação, como se viu – da prática de investigação, à interação com o mundo para além da academia, passando pela construção dinâmica do conhecimento ou pelos novos métodos de validação do mesmo – possam fazer mais pela difusão e afirmação da qualidade, valência e relevância da investigação em Humanidades com uma componente Digital, do que as tentativas, por vezes forçadas e pouco estruturadas, de formalizar a sua presença no meio académico. Talvez, no fundo, seja mais útil assumir, como refere Ryan Cordell, que «nós devemos integrar as Humanidades Digitais no currículo como uma componente natural [e não excepcional, diríamos] daquilo que os investigadores em humanidades fazem»⁵².

51 Erika Ortega e Silvia Eunice Gutiérrez, «MapaHD. Una exploración de las Humanidades Digitales en español y portugués», em Esteban Romero Frías e María Sánchez González, eds., *Ciencias Sociales y Humanidades Digitales Técnicas, herramientas y experiencias de e-Research e investigación en colaboración*. La Laguna, Sociedad Latina de Comunicación Social, 2014, pp. 101-128.

52 Ryan Cordell, «How Not to Teach Digital Humanities», 2015.